



«Uma história de amor irresistível»
USA Today

Marlena de Blasi

*Mil dias
em
Veneza*

Ficha Técnica

Título: *Mil Dias em Veneza*

Título original: A Thousand Days in Venice

Publicado pela primeira vez nos Estados Unidos com o título:

A Thousand Days in Venice: An Unexpected Romance

Autor: Marlena de Blasi

Capa: Ideias com Peso

Imagem da capa: Corbis/VMI

Revisão: Cristina Pereira

ISBN: 9789722047463

LIVROS D'HOJE

Publicações Dom Quixote

[Uma chancela do grupo Leya]

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide - Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

Copyright © 2002 by Marlena de Blasi

Publicado com a permissão de Algonquin Book of Chapel Hill,
uma chancela da Workman Publishing Company, Inc., Nova Iorque

© 2011, Publicações Dom Quixote

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.livrosdhoje.leya.com

www.leya.pt

Para
a filha de Walton Amos, Virginia Anderson Amos,
que cresceu e se transformou numa bela mulher
cheia do encanto e do amor de Deus
e a quem tenho a honra de chamar minha querida amiga
e
para C. D., Lisa e Erich,
os meus primeiros e eternos amores
e
para o veneziano de olhos cor de mirtilo
que esperou por mim.

• PRÓLOGO •
ENEZA, 1989

Continuo sentada no meu lugar muito depois de o comboio ter entrado com estrépito na plataforma, em Santa Lucia. Aplico uma nova camada de vermelho-rubi sobre os lábios, puxo um chapéu cloche até às sobancelhas e tento alisar a saia. Por um momento, penso na mentira que contei ao taxista em Roma, nessa mesma manhã. Ele perguntou:

- Ma dove vai in questo giorno così splendido? Mas onde vai a senhora neste dia esplendoroso?

- Tenho um encontro em Veneza - respondi com astúcia, sabendo que a ideia lhe agradaria.

Ao ver-me puxar a minha volumosa mala preta, com uma das rodas estragada, às arrecuas através da curva formada pelas portas da estação, ele atirou-me um beijo e gritou:

- Porta un mio abbraccio a la bella Venezia. Dê um abraço meu à bela Veneza.

Até um taxista romano ama Veneza! Toda a gente a ama. Toda a gente, menos eu. Nunca estive em Veneza, e a imagem de um passeio através dos seus torpores iridescentes sempre me foi indiferente. Ainda assim, talvez o que disse ao taxista seja verdade. Curiosamente, estou a comportar-me como uma mulher a caminho de um encontro. No entanto, agora que, finalmente, aqui estou,

gostava de poder virar novamente as costas à Velha Senhora de Bizâncio.

Saindo do comboio agora vazio, arrasto a mala para a plataforma, dando um pontapé de encorajamento à sua roda avariada, e atravesso o tumulto da estação, por entre vendedores que oferecem táxis aquáticos e hotéis e turistas entregues às angústias da chegada ou da partida. As portas estão abertas e saio para a luz húmida e rosada, dando por mim no topo de um lance de degraus largos e baixos. O brilho da água tremeluzente emana do canal, lá em baixo. Não sei para onde olhar. A Veneza de que falam os mitos é real e estende-se perante mim. Os gondolieri, envergando chapéus de palha e camisas às riscas, são esculturas de si mesmos presas à popa de lustrosos barcos negros, sob um sol redondo e amarelo. A Ponte dos Descalços fica à minha esquerda e a fachada harmoniosa da Igreja de San Simeone Piccolo dá-me as boas-vindas, do outro lado do canal. Veneza é toda ela esfarrapada, remendada, dolorosamente encantadora, e, como uma feiticeira, desarma-me e deixa-me sem fôlego.

Espero pelo vaporetto, o autocarro aquático da linha número 1, e subo a bordo de uma embarcação que se desloca pian piano pelo canal acima, parando catorze vezes entre a estação e San Zaccaria, perto da Piazza San Marco. Junto a minha mala ao enorme monte de bagagem que já se encontra no convés e abro caminho até à proa, esperando conseguir ficar ao ar livre. Os bancos estão todos ocupados, com excepção de uns escassos centímetros onde se encontra a carteira de uma japonesa. Sorrio, ela pega na Fendi e eu sigo viagem envolvida pelo vento fresco, percorrendo aquela estrada espantosa. Como é estranho pensar agora que aquele barco iria tornar-se o meu meio de transporte habitual e aquela

água o meu percurso diário, ao sair de casa para comprar legumes, para escolher um vestido de noiva, para ir ao dentista, para acender uma vela numa igreja com mil anos.

Ao longo da riva, alinham-se palácios em equilíbrio precário, de frágeis fachadas bizantinas e góticas, renascentistas, barrocas, todos numa fila melancólica, colados uns aos outros. Para melhor ocultar os seus segredos, penso eu. Quando nos aproximamos da Ponte di Rialto, a paragem mais próxima do meu hotel, não estou preparada para abandonar o barco. Deixo-me ficar até San Zaccaria e afasto-me do embarcadouro na direcção da campanile, o campanário. Detenho-me por um momento, ouvindo as badaladas do La Marangona, o mais antigo dos sinos de San Marco, aquele cujo som grave e solene marcou o início e o final do dia de trabalho dos artesãos venezianos durante quinze séculos. Em tempos, servia para avisar da aproximação de inimigos, para saudar um rei de visita e anunciar a morte de um doge. Há quem diga que toca por iniciativa própria e que, quando as suas badaladas grandiosas e nobres se fazem ouvir à chegada de alguém a Veneza, isso é sinal de que a pessoa em causa tem uma alma veneziana e de que o velho sino a reconhece de tempos passados. Há alguns anos, quando um amigo me contou esta história, perguntei-lhe como era possível saber-se para quem tocava o sino, havendo cerca de seiscentas pessoas a passar por ali a toda a hora.

- Não te preocupes - disse ele. - Nunca tocará para ti.

E, na verdade, La Marangona mantém-se em silêncio enquanto ali estou, de pé, em frente da torre. Não olho para a basílica que se encontra por trás de mim. Não percorro os poucos metros que me separam da grand piazza. Não estou preparada. Não estou preparada para

quê? Digo a mim mesma que, simplesmente, não se pode entrar naquela que é considerada a sala de visitas mais divina do planeta estando desarranjada e com uma mala manca a estorvar. Volto para trás, apanho o primeiro barco em direcção à estação e desembarco no Rialto. Porque me bate o coração desta forma contra o peito? Apesar de, agora, já me sentir atraída por Veneza, ainda a vejo com desconfiança.

• I •

Signora, uma chamada para si

O pequeno salão está cheio de turistas alemães, alguns ingleses e uma mesa ou duas de residentes locais. Estamos a 6 de Novembro de 1993 e cheguei a Veneza nessa manhã, com dois amigos. Conversamos tranquilamente, beberricando Amarone. O tempo vai decorrendo e o salão vai-se esvaziando, mas reparo que uma mesa, a mais distante de nós, permanece ocupada. Sinto o olhar suave e não invasivo de um dos quatro homens aí sentados. Curvo um pouco os ombros em direcção ao meu copo de vinho, sem nunca olhar realmente o homem. Passado pouco tempo, ele e os companheiros saem e ficamos os três sozinhos. Minutos depois, aproxima-se um empregado de mesa para me comunicar que tenho uma chamada telefónica. Ainda não avisámos os amigos da nossa chegada e, mesmo que alguém soubesse que estamos em Veneza, não poderia saber que viemos almoçar ao *Vino Vino*. Digo ao empregado que deve estar enganado.

- *No, signora. Il telefono è per Lei* - insiste ele.

- *Pronto* - digo eu ao pegar no auscultador do velho telefone de parede cor de laranja que cheira a fumo e a água-de-colónia de homem.

- *Pronto*. Será possível encontrarmo-nos amanhã, por esta hora? Significaria muito para mim - diz uma voz

italiana profunda e ponderada que eu nunca ouvira na vida.

No curto silêncio que se segue, percebo, sem saber porquê, que se trata de um dos homens que acabaram de sair do restaurante. Apesar de ter compreendido bastante bem o que ele acabara de dizer, não consigo responder em italiano. Balbucio uma espécie de fusão linguística, algo como:

- *No, grazie.* Nem sei quem é o senhor - e, ao mesmo tempo, penso que gosto realmente da voz dele.

No dia seguinte, decidimos voltar ao *Vino Vino* por ser tão próximo do nosso hotel. Não penso no homem de voz bela. Mas ele está lá e, desta vez, sem os colegas e parecendo-se bastante com o Peter Sellers. Trocamos sorrisos. Vou sentar-me junto dos meus amigos e ele, parecendo não saber bem como nos abordar, dá meia volta e sai do restaurante. Passados momentos, o mesmo empregado de mesa, agora convencido de estar a participar em algo grandioso, aproxima-se de mim, olhando-me nos olhos:

- *Signora, il telefono è per Lei* - e segue-se uma repetição da cena passada na véspera.

Vou ao telefone e a mesma bela voz fala num inglês muito cuidado, talvez pensando que eu não percebera a frase que me dissera no dia anterior, em italiano:

- Seria possível encontrarmo-nos amanhã, a sós?

- Não me parece - respondo, desajeitadamente. - Acho que vou a Nápoles.

- Oh - é tudo o que a bela voz consegue articular.

- Peço desculpa - digo, e desligo.

Não vamos a Nápoles no dia seguinte nem no outro a seguir, mas vamos almoçar ao mesmo sítio, e o Peter Sellers está lá sempre. Nunca trocamos uma única palavra

cara a cara. Ele telefona sempre. E eu digo-lhe sempre que não posso encontrar-me com ele. No quinto dia – uma sexta-feira –, o nosso último dia completo em Veneza, passo a manhã com os meus amigos no Florian, planeando o resto da viagem e bebendo *Prosecco* e chávenas de chocolate amargo e espesso com um cheirinho de *Grand Marnier*. Decidimos não almoçar e guardar o apetite para um jantar de despedida no Harry's Bar. Ao regressarmos a pé ao hotel, passamos pelo *Vino Vino*, e lá está o Peter Sellers, de nariz espalmado contra a janela. Uma criança perdida. Paramos um momento na *calle* e a minha amiga Silvia diz:

- Vai lá dentro falar com ele. Tem uma cara tão querida. Encontramo-nos no hotel.

Sento-me junto à cara querida com uma bela voz, e bebemos um pouco de vinho. Falamos muito pouco, algo acerca da chuva, penso, e do motivo pelo qual não apareci para almoçar nesse dia. Ele diz-me que é gerente de uma filial da Banca Commerciale Italiana ali próxima, que é tarde e que tem o único conjunto de chaves para reabrir o cofre na parte da tarde. Reparo que a cara querida com a bela voz tem umas mãos bonitas. Tremem-lhe enquanto reúne os seus pertences para sair. Combinamos encontrar-nos nessa tarde, às seis e meia, ali mesmo, naquele local.

- *Proprio qui*, aqui mesmo – repete ele, uma e outra vez.

Dirijo-me ao hotel com uma sensação estranha e passo a tarde a descansar no meu pequeno quarto, cumprindo apenas parcialmente a minha tradição pessoal de ler Thomas Mann na cama. Mesmo depois de todos estes anos de viagens a Veneza, cada tarde constitui um ritual. À mão, sobre a mesa-de-cabeceira, disponho alguns bolinhos apetitosos ou bolachinhas ou, se o almoço tiver sido demasiado leve, talvez um *panino* estaladiço, aberto e

recheado com *prosciutto* e depois embrulhado em papel-pardo pelo Lino, da *bottega* do outro lado do rio, em frente à minha Pensione Accademia. Entalo a colcha por baixo dos braços e abro o livro. Mas, hoje, leio a mesma página durante uma hora, sem realmente a ler. É a segunda parte do ritual, aquela em que saio para ver as imagens que Mann viu e tocar as pedras que ele tocou, fica totalmente por cumprir. Hoje, só consigo pensar *nele*.

Nessa noite, a chuva persistente transforma-se numa tempestade, mas estou decidida a ir encontrar-me com aquele estranho. A água da lagoa projecta-se em esguichos e derrama-se sobre a *riva*, formando grandes poças espumosas, e a *piazza* é um lago de água negra. Os ventos sopram com fúria. Consigo chegar ao refúgio aquecido que me oferece o bar do Hotel Monaco, mas não passo daí. Estou a menos de algumas centenas de metros do *Vino Vino*, estou tão perto, mas não consigo aproximar-me mais. Vou até à recepção e peço uma lista telefónica, mas o bar vínico não vem na lista. Tento ligar para a *assistenza*, mas a telefonista número 143 não consegue ajudar-me. O encontro está arruinado, e não tenho como contactar o Peter Sellers. Não estava destinado. Volto ao bar do hotel, onde um empregado chamado Paolo enche com papel de jornal as minhas botas encharcadas, indo colocá-las perto de um radiador, com uma solenidade tal que dir-se-ia estar a guardar as jóias da coroa. Conheço o Paolo desde a minha primeira viagem a Veneza, há quatro anos. Impaciente, em meias e agarrada a uma chávena de chá, sento-me sobre o tecido húmido da minha saia, do qual emana um aroma a lã de cordeiros molhados, e vejo relâmpagos ferozes e crepitantes rasgarem as nuvens. Lembro-me da primeira vez que vim a Veneza. Meu Deus, como resisti a essa viagem! Estivera em Roma durante

alguns dias e quisera lá ficar. Mas ali estava, encolhida numa carruagem de segunda classe, em direcção ao Norte.

- A senhora vai para Veneza? - pergunta uma voz tímida num italiano hesitante, intrometendo-se no meu devaneio romano.

Abro os olhos e, ao olhar pela janela, vejo que chegámos a Tiburtina. Duas alemãs jovens, de faces rosadas, içam as mochilas enormes para a prateleira sobre as nossas cabeças e deixam cair os corpos avultados nos bancos à minha frente.

- Vou - acabo por responder, em inglês, falando para o espaço entre elas. - Pela primeira vez - acrescento.

Elas são sisudas, acanhadas, e lêem conscienciosamente o guia Lorenzetti de Veneza enquanto bebem água mineral na carruagem quente e abafada, que se precipita aos solavancos através das planícies rurais nos arredores de Roma, subindo depois os montes da Úmbria. Volto a fechar os olhos, tentando situar-me na minha fantasia de vida na Via Giulia, onde ocupava as águas-furtadas do palazzo rosa-ocre em frente da Academia das Artes Húngara. Decidira ir todas as sextas-feiras comer uma taça cheia de tripas ao Da Felice, em Testaccio. Faria compras todas as manhãs no Campo dei Fiori. Abriria uma taverna de vinte lugares no Ghetto, com uma grande mesa onde os lojistas e os artesãos viriam comer a óptima comida preparada por mim. Tornar-me-ia amante de um príncipe corso. A pele dele cheiraria a flor de laranjeira, ele seria tão pobre como eu e passearíamos ao longo do Tibre, envelhecendo suavemente. Quando começo a compor mentalmente as feições requintadas do príncipe, a voz tímida da invasora pergunta:

- *Porque vai a Veneza? Tem amigos lá?*

- *Não. Não tenho amigos nenhuns - respondo. - Acho que vou porque nunca lá estive, porque me parece que devo - justifico, mais para mim do que para ela. Entretanto, o rosto do príncipe está irremediavelmente perdido, por isso desvio a conversa: - E vocês, porque vão a Veneza?*

- *À procura de romance - diz a perguntadora, com a maior das simplicidades.*

A verdade, no meu caso, é mais prosaica: vou para Veneza porque me mandaram lá, com a incumbência de reunir notas para uma série de artigos. Duas mil e quinhentas palavras sobre os bacari, os tradicionais bares vínicos venezianos; mais duas mil e quinhentas sobre a questão do afundamento gradual da cidade na lagoa; e uma crítica gastronómica sobre restaurantes de luxo. Eu preferia ter ficado em Roma. Quero voltar à minha cama estreita de madeira verde, naquele estranho quatinho do quarto andar, aninhado sob os beirais do Hotel Adriano. Quero dormir ali, ser acordada pelos raios de Sol polvilhados de grãos de pó que se infiltram pelas frestas das persianas. Gosto da forma como o meu coração bate em Roma, como consigo andar mais depressa e ver melhor. Gosto de me sentir em casa ao deambular por entre o êxtase antigo de segredos e mentiras daquela cidade. Gosto do facto de ela me ter ensinado que não passo de uma scintilla, uma centelha efémera quase imperceptível. E gosto de, ao almoço, ainda com hálito a alcachofras fritas, estar já a pensar no jantar. E de, ao jantar, me lembrar dos pêssegos que me aguardam numa taça de água fria, junto à cama. Quase consigo recuperar os fragmentos do rosto do príncipe enquanto o comboio oscila sobre a Ponte della Libertà. Abro os olhos e vejo a lagoa.

Naquele tempo, eu nunca poderia imaginar a doçura com que esta deslumbrante princesa antiga me acolheria na sua tribo, como me iria deslumbrar, dançando como só ela sabe, fazendo a manhã explodir num clarão de luz dourada, encharcando a noite com as brumas azuladas de um transe. Sorrio ao Paolo, um sorriso tribal, silenciosamente eloquente. Ele mantém-se por perto, nunca deixando que o meu bule se esvazie.

Já passa das onze e meia quando a tempestade amaina. Calço as botas, endurecidas e moldadas pelos jornais que as enchiam. Ponho o chapéu húmido sobre o cabelo ainda molhado, visto o casaco também húmido e preparo-me para a caminhada de regresso ao hotel. Há algo que me incomoda, emergindo lentamente do meu inconsciente. Tento lembrar-me se disse ao estranho em que hotel estávamos. O que se passa comigo? Eu, a imperturbável. *Apesar de, agora, já me sentir atraída por Veneza, ainda a vejo com desconfiança.*

Parece que lhe disse *mesmo* o nome do nosso hotel, porque encontro um molho de mensagens escritas em papel cor-de-rosa debaixo da porta do meu quarto. Ele telefonou de meia em meia hora, das sete à meia-noite, dizendo na última mensagem que me esperaria no átrio ao meio-dia do dia seguinte, precisamente a hora em que estaríamos a sair para o aeroporto.

A manhã traz consigo os primeiros raios de Sol que vimos em Veneza nessa estadia. Ao abrir a janela, deparo com um dia límpido e suave, como um pedido de desculpas pela choradeira da noite anterior. Visto umas *leggings* de veludo preto e uma camisola de gola alta e desço para me encontrar com o Peter Sellers, para o olhar nos olhos e descobrir como pode um homem que mal conheço perturbar-me tanto. Porém, não sei como poderei

descobrir grande coisa, já que ele parece não falar inglês e o único assunto sobre o qual consigo conversar inteligivelmente em italiano é a gastronomia. Estou um pouco adiantada, por isso decido dar alguns passos no exterior para apanhar ar, mesmo a tempo de o ver atravessar a Ponte delle Maravegie, de gabardina, cigarro na mão, jornal e guarda-chuva no braço. Vejo-o antes de ele me ver. E gosto do que vejo, e do que sinto.

- *Stai scappando?* Vai fugir? - pergunta ele.

- Não. Vinha ter consigo - digo, em grande parte através de gestos com as mãos.

Tinha pedido aos meus amigos que me esperassem, explicando-lhes que me demoraria meia hora, uma hora no máximo. Ainda ficaríamos com tempo de sobra para apanhar um táxi aquático para o Aeroporto Marco Polo e fazer o *check-in* no voo das três com destino a Nápoles. Olho para ele. Pela primeira vez, olho realmente para aquele estranho. Tudo o que vejo é o azul dos seus olhos. Têm a mesma cor de que o céu e a água se tingiram nesse dia, a mesma cor das minúsculas bagas de um azul-arroxeadado que, salvo erro, se chamam *mirtilli*. Ele é, ao mesmo tempo, tímido e íntimo, e passeamos sem destino. Paramos por um momento na Ponte dell' Accademia. Ele está sempre a deixar cair o jornal e, ao curvar-se para apanhá-lo, espeta a ponta do guarda-chuva por entre as pessoas que passam por detrás de nós. Depois, segurando o jornal debaixo de um braço e o guarda-chuva debaixo do outro, com a sua ponta malvada ainda a estorvar os transeuntes, dá palmadas nos bolsos sobre o peito e nos bolsos das calças, à procura de um fósforo. Encontra o fósforo e então começa uma nova busca por um cigarro, para substituir aquele que acabou de lhe cair dos lábios para dentro do canal. É mesmo o Peter Sellers.

Pergunta-me se alguma vez pensei muito no destino e se acredito na existência do *vero amore*, o amor verdadeiro. Desvia o olhar de mim para o canal e fala numa espécie de ladainha gutural durante o que me parece muito tempo, e mais para si mesmo do que para mim. Percebo pouco do que diz, com excepção da última frase, *una volta nella vita*, uma vez na vida. Ele olha-me como se me quisesse beijar e penso que também gostaria de o beijar, mas sei que o guarda-chuva e o jornal cairiam à água e, além disso, já somos demasiado velhos para cenas de amor. Ou não seremos? Provavelmente, gostaria de o beijar mesmo que ele não tivesse olhos cor de mirtilo. Provavelmente, queria beijá-lo mesmo que ele parecesse o Ted Koppel. É este lugar, a vista desta ponte, esta atmosfera, esta luz. Pergunto-me se queria beijá-lo se o tivesse conhecido em Nápoles. Vamos comer um gelado ao Paolin, no Campo Santo Stefano, sentados numa das mesas da frente, ao sol.

- O que acha de Veneza? - quer ele saber. - Esta não é a primeira vez que cá vem - diz, como se estivesse a folhear um dossiê internacional de onde constassem todos os meus movimentos na Europa.

- Não, não, não é a primeira vez. Comecei a vir cá na Primavera de 89, há cerca de quatro anos - revelo, alegremente.

- Mil novecentos e oitenta e nove? Já vem a Veneza há quatro anos? - pergunta ele. Levanta quatro dedos como se eu tivesse pronunciado indistintamente a palavra *quatro*.

- Já - respondo. - O que tem isso de tão estranho?

- Apenas o facto de eu só a ter visto em Dezembro. Em Dezembro passado. A onze de Dezembro de 1992 - precisa, como quem analisa o dossiê mais de perto.

- O quê? - pergunto eu, um pouco atordoada, vasculhando as recordações do último Inverno e tentando calcular as datas em que ali estive pela última vez. Sim, cheguei a Veneza a dois de Dezembro e parti para Milão na tarde do dia onze. Ainda assim, ele está com certeza a confundir-me com outra mulher, e estou prestes a dizer-lho, mas ele já está lançado na sua história.

- A senhora estava a passear na Piazza San Marco; passava pouco das cinco da tarde. Vestia um casaco branco comprido, muito comprido, que lhe chegava aos tornozelos, e tinha o cabelo apanhado, como está agora. Estava a ver a montra do Missiaglia, na companhia de um homem. Ele não era veneziano, ou, pelo menos, eu nunca o vira. Quem era? - pergunta, rígido.

Antes que eu possa proferir uma sílaba, ele pergunta:

- Era o seu namorado?

Sei que ele não quer que eu responda, por isso não o faço. Agora, ele está a falar mais depressa e escapam-me palavras e frases. Peço-lhe que me olhe e que, por favor, fale mais devagar. Ele faz-me a vontade.

- Só a vi de perfil e continuei a andar na sua direcção. Parei a poucos metros de distância e fiquei ali parado, absorvendo a sua imagem. Deixei-me estar ali até a senhora e o homem saírem da *piazza*, encaminhando-se para o cais - ele ilustra as palavras com movimentos largos das mãos, dos dedos. Os olhos dele fixam os meus com insistência.

- Comecei a segui-la, mas parei porque não sabia o que fazer se nos encontrássemos cara a cara. Quero dizer, o que lhe diria? Como poderia arranjar forma de falar consigo? Por isso, deixei-a ir. Faço isso muitas vezes, sabe, deixar as coisas passar. Procurei-a no dia seguinte e no outro a seguir, mas sabia que se tinha ido embora. Se ao

menos a tivesse visto a passear sozinha nalgum sítio, poderia tê-la feito parar, fingindo tomá-la por outra pessoa. Ou não, dir-lhe-ia antes que achava o seu casaco lindo. Mas, seja como for, nunca mais a vi, por isso retive-a na memória. Durante todos estes meses, tentei imaginar onde estaria, de onde seria. Queria ouvir o som da sua voz. Tive muitos ciúmes do homem que estava consigo – afirma, devagar. – E, no outro dia, estava eu sentado no *Vino Vino*, quando a senhora se colocou num ângulo que me permitia ver o seu rosto por debaixo de todo esse cabelo, e reconheci-a. A mulher do casaco branco. Assim, como vê, tenho estado à sua espera. De alguma forma, tenho-a amado, tenho-a *amado* desde aquela tarde na *piazza*.

Eu ainda não disse uma única palavra.

– Era isso que estava a tentar dizer-lhe há pouco, na ponte, acerca do destino e do amor verdadeiro. Apaixonei-me por si, não à primeira vista, porque só vi uma parte do seu rosto. Comigo, foi amor à meia vista. Mas foi o suficiente. E, se me achar louco, não me importo.

– Posso falar, agora? – pergunto-lhe muito calmamente, sem fazer ideia do que lhe quero dizer. Os olhos dele são agora faíscas azul-escuras que me prendem demasiado. Baixo os olhos e, quando volto a levantá-los, o olhar dele suavizou-se. Ouço-me a mim própria dizer:

– Este relato da sua história é um presente encantador. Mas o facto de me ter visto e recordado e de me ter voltado a ver um ano mais tarde não é assim tão misterioso. Veneza é uma cidade muito pequena e não é improvável ver as mesmas pessoas várias vezes. Não me parece que o nosso encontro seja alguma espécie de golpe fulminante do destino. De qualquer forma, como pode

estar apaixonado por um *perfil*? Eu não sou apenas um *perfil*; também tenho coxas e cotovelos e cérebro. Sou uma mulher. A meu ver, tudo isto é apenas uma coincidência, uma coincidência muito comovente – digo aos olhos cor de mirtilo, moldando habilmente o seu testemunho dramático até lhe conferir uma forma aceitável, como teria feito com um bocado de massa de pão.

- *Non è una coincidenza*. Não é uma coincidência. Estou apaixonado por si, e lamento se este facto lhe causa desconforto.

- Não é desconforto o que sinto. Simplesmente, não compreendo. Por enquanto – digo isto com vontade de o puxar para mim, com vontade de o afastar.

- Não parta hoje. Fique mais um pouco. Fique comigo – pede ele.

- Se tiver de existir alguma coisa, seja o que for, entre nós, o facto de eu partir hoje não alterará nada. Podemos escrever um ao outro, conversar. Estarei de volta na Primavera, e podemos fazer planos para essa altura. – As palavras parecem sair-me com um ritmo forçado, e depois ouço-as estagnar numa paralisia quase total. Imóveis como estátuas, ficamos ali sentados à beira da desordem ruidosa do *campo* a um sábado. Passamos muito tempo em silêncio até nos levantarmos lentamente. Sem esperar pela conta, ele deixa algumas liras sobre a mesa, debaixo do prato de vidro que contém o seu *gelato* de morango intocado, algumas gotículas do qual pingam sobre as notas.

Tenho as faces a arder e estou atónita, corada por uma emoção que não consigo identificar, estranhamente parecida com terror mas não muito diferente da alegria. Será possível que os meus pressentimentos sobre Veneza

tivessem algum fundamento? Ter-se-ão esses pressentimentos revelado sob a forma deste homem? Será este o encontro? Sinto-me atraída por este estranho. Ele provoca-me desconfiança. *Apesar de, agora, já me sentir atraída por Veneza, ainda a vejo com desconfiança.* Serão ele e Veneza uma mesma entidade? Poderá ele ser o meu príncipe corso disfarçado de gerente de banco? Porque não pode o destino fazer-se anunciar através de um burro de doze cabeças, de umas calças roxas ou até de um crachá identificativo? Tudo o que sei é que sou incapaz de me apaixonar, seja à primeira vista ou à meia vista, seja rapidamente ou com o tempo. O meu coração está enferrujado devido às fechaduras antigas que o mantêm cerrado. É isso que penso de mim mesma.

Caminhamos através do Campo Manin até San Luca, fazendo conversa de circunstância. Eu paro subitamente. Ele pára também e envolve-me nos seus braços. Abraça-me. Eu abraço-o.

Quando saímos de Bacino Orseolo para San Marco, os cinco sinos da La Marangona estão a tocar. É ele, penso. É ele o burro de doze cabeças com as calças roxas! Ele é o Destino e os sinos só me reconhecem quando estou com ele. Não, que disparete. Delírios da menopausa.

Já passaram cinco horas desde que saí do hotel. Telefono aos meus amigos, que ainda lá estão à minha espera, peço-lhes que levem as minhas malas e juro que irei ter com eles directamente ao aeroporto. O último voo para Nápoles é às sete e vinte. O Grand Canal está desusadamente vazio, livre da habitual confusão de esquifes, gôndolas e *sandoli*, o que permite ao *tassista* acelerar no seu táxi aquático, fazendo-o progredir aos solavancos, batendo com força na água. Eu e o Peter Sellers estamos cá fora, ao vento, e avançamos na

direcção de um sol cada vez mais baixo, vermelho-escuro. Retiro da mala um cantil de prata e um copo minúsculo e estreito, envolto numa bolsa de veludo. Sirvo conhaque, que beberricamos juntos. Mais uma vez, ele parece prestes a beijar-me, e, desta vez, fá-lo mesmo - nas têmporas, nas pálpebras, até me encontrar a boca. Afinal, não somos demasiado velhos.

Trocamos números de telefone, cartões de visita e moradas, à falta de amuletos mais poderosos. Ele pergunta se poderá ir ter connosco uns dias mais tarde, nessa semana, seja onde for que estejamos. Não é boa ideia, digo-lhe. Tanto quanto a minha memória o permite, dou-lhe o nosso itinerário, para que possamos dar os bons-dias ou as boas-noites um ao outro de vez em quando. Ele pergunta quando regressarei a casa, e eu digo-lho.

Tenho um veneziano na minha cama

Dezoito dias mais tarde, e apenas dois dias após o meu regresso aos Estados Unidos, o Fernando chega a Saint Louis, na primeira viagem da sua vida à América. Trémulo, pálido como cinza, atravessa a porta. Perdera a ligação no JFK, não tendo conseguido atravessar com rapidez suficiente uma área maior do que o Lido, a ilha ao largo de Veneza onde vive. Aquele voo fora, de longe, o período mais longo que suportara sem um cigarro desde os dez anos. Pega nas flores que lhe estendo e vamos para casa juntos, como se sempre o tivéssemos feito, como se o fôssemos fazer para sempre.

Ainda com o casaco, o chapéu, as luvas e o cachecol postos, ele percorre a casa devagar, como que a tentar reconhecer alguma coisa. Espantado por o Sub-Zero¹ ser um frigorífico, abre uma das portas esperando encontrar um roupeiro.

- *Ma è grandissimo* - admira-se.

- Tens fome? - pergunto-lhe, começando a atarefar-me na cozinha. Ele devora com os olhos um pequeno cesto de *tagliatelle* que enrolei e cortei nessa tarde.

- Também têm massa fresca na América? - pergunta ele, como se esse facto fosse tão surpreendente como encontrar uma pirâmide no Kentucky.

Ponho o banho a correr para ele, como faria para um filho ou para um amante de longa data, deito-lhe um pouco de óleo de sândalo, acendo velas, coloco toalhas, sabonete e champô numa mesa próxima. Preparo um copinho de Tio Pepe. Depois de um lapso de tempo preocupantemente longo, ele entra vagarosamente na sala, esplêndido, com o cabelo molhado puxado para trás. Enverga um roupão *vintage* de lã verde-escura, com um bolso rasgado do qual sobressai o volume de um maço de cigarros. Traz umas meias *bordeaux* aos losangos puxadas até aos joelhos magros e tem os pés enfiados nuns chinelos grandes, de camurça. Digo-lhe que ele parece o Rudolf Valentino. Ele gosta de ouvir isto. Pus a mesa para o jantar na mesinha baixa em frente da lareira da sala. Estendo-lhe um copo de vinho tinto e sentamo-nos em almofadas. Ele também gosta disto. E, assim, janto com o estranho.

Para o jantar, temos alhos franceses estufados com natas e temperados com *vodka*, servidos numa travessa branca oval, onde borbulham, dourados, sob uma crosta de *Emmenthal* e Parmesão. Não sei dizer «alhos franceses» em italiano, por isso tenho de me levantar para ir buscar o dicionário.

- Ah, *porri* - diz ele. - Não gosto de *porri*.

Apresso-me a folhear o livro outra vez, fingindo ter-me enganado.

- Não, isto não são *porri*; são *scalogni* - minto ao estranho.

- Nunca provei - diz ele, levando uma garfada à boca. Afinal, o estranho gosta bastante de alhos franceses, desde que se lhes chame chalotas.

A seguir, vem o *tagliatelle*, finas fitas amarelas num molho de nozes tostadas. Estamos confortáveis,

desconfortáveis. Sorrimos mais do que conversamos. Tento falar-lhe um pouco do meu trabalho, conto-lhe que sou jornalista, que escrevo principalmente sobre gastronomia e vinhos. Digo-lhe que sou uma *chef*. Ele acena com a cabeça indulgentemente, mas parece achar as minhas credenciais muito pouco empolgantes. Parece contentar-se com o silêncio. Fiz uma sobremesa que não fazia há anos, um bolo de aspecto estranho em cuja confecção entram massa de pão, ameixas roxas e açúcar amarelo. O sumo espesso e escuro dos frutos, misturado com o açúcar caramelizado, produzem um aroma delicado a melaço, e colocamos o bolo entre os dois, comendo-o mesmo da velha forma já gasta onde o cozi. Ele recolhe o resto do xarope de ameixa com uma colher e bebemos o vinho tinto que sobrou. Ele levanta-se e contorna a mesa até ao meu lado. Senta-se junto a mim, olha-me bem de frente e depois vira-me docemente o rosto um pouco para a direita, segurando-me o queixo com a mão.

- *Si, questa è la mia faccia* - diz-me, num sussurro. - Sim, este é o meu rosto. E agora, quero ir contigo para a tua cama - pronuncia estas palavras devagar, claramente, como se as tivesse ensaiado.

Dorme com a face encostada ao meu ombro e um braço sobre a minha cintura. Eu fico acordada, acariciando-lhe o cabelo. Tenho um veneziano na minha cama, digo, de forma quase audível. Pressiono a boca contra o alto da cabeça dele e lembro-me mais uma vez daquele trabalho que me foi tão bruscamente atribuído, há tantos anos, pela minha editora:

- Vá passar duas semanas em Veneza e volte com três peças especializadas. Enviaremos um fotógrafo directamente de Roma - dissera ela, sem sequer se despedir.

Porque não nos encontramos nessa primeira viagem? Talvez porque a minha editora nunca me disse para voltar com um veneziano. E, no entanto, aqui está ele, adormecido, um estranho de pernas longas e magras. Mas, agora, também preciso de dormir. Dorme, ordeno a mim mesma. Mas não durmo. Como posso dormir? Lembro-me daquela espécie de reserva distante que sempre senti em relação a Veneza. Sempre arranjei maneira de a evitar. Numa ocasião, quase cheguei às suas margens alagadas, numa excursão pela *autostrada* entre Bérgamo, Verona e Pádua, mas, a apenas trinta quilómetros de distância, virei o meu pequeno Fiat branco abruptamente para sul, na direcção de Bolonha. Porém, depois de a minha antiga aversão ter ficado curada ao fim das primeiras horas que passei em Veneza, sempre procurei motivos para regressar, pedindo insistentemente trabalhos que me levassem algures lá perto, esquadrihando as agências de viagens à procura do bilhete ideal, barato e certo.

Na Primavera passada, mudei-me da Califórnia para Saint Louis, no Missouri, onde fiquei num quarto alugado durante dois meses enquanto renovava a casa e lançava um pequeno café. Em Junho, a minha vida já tomara forma: o café, uma crítica gastronómica semanal para o *Riverfront Times*, a demarcação de um percurso diário através da minha nova cidade. Mesmo assim, a vontade de viajar assaltou-me. Impaciente, nos primeiros dias de Novembro parti com os meus amigos Silvia e Harold, de volta aos braços doces de Veneza. Nunca pensei estar a encaminhar-me para *estes* braços doces, penso, encostando-me mais ao veneziano.

Passamos as manhãs sentados à lareira da cozinha, frente a frente nas poltronas de orelhas de veludo coçado, cada um com um dicionário bilingue na mão e, na mesa entre os dois, um pequeno jarro de natas e um prato de *scones* de manteiga. Assim instalados, falamos das nossas vidas.

- Estou sempre a tentar lembrar-me de coisas importantes para te contar. Sabes, acerca da minha infância e de quando era jovem. Acho que sou o protótipo do homem comum. Nos filmes, seria sempre aquele que não fica com a rapariga. - Esta imagem de si próprio não o entristece nem o faz sentir necessidade de se desculpar.

Uma manhã, ele quer saber:

- Consegues lembrar-te dos teus sonhos?

- Referes-te aos sonhos que tenho a dormir?

- Não. Aos que sonhas acordada. O que pensavas querer? O que pensavas que irias ser? - responde ele.

- Claro que me lembro. Já vivi muitos deles. Queria ter bebés. Esse foi o meu primeiro grande sonho. Depois de eles nascerem, a maioria dos meus sonhos era acerca deles. E, quando cresceram, comecei a ter sonhos um pouco diferentes. Mas, na verdade, concretizei muitos dos meus sonhos. Estou a concretizá-los agora. Lembro-me daqueles que se desfizeram em fumo. Lembro-me de todos, e tenho sempre alguns novos. E tu?

- Não. Nem por isso. E, até agora, cada vez menos. Cresci convencido de que sonhar era um pouco como pecar. Os discursos da minha infância, que ouvia a padres e professores, e até ao meu pai, eram todos relacionados com lógica, razão, moralidade, honra. Eu queria pilotar aviões e tocar saxofone. Fui para um colégio interno quando tinha doze anos e, acredita, viver entre jesuítas não encoraja nada os sonhos. Quando ia a casa, o que

acontecia poucas vezes, o ambiente aí também era sombrio. A minha juventude e, especialmente, a adolescência, foram fases difíceis em que quase toda a gente tentou pressionar-me.

Ele fala muito depressa, e estou sempre a ter de pedir-lhe que fale mais devagar, que explique esta palavra, aquela palavra. Ainda estou nos jesuítas e no saxofone quando ele já vai na *mia adolescenza è stata veramente triste e dura*.

Ele parece convencido de que o volume é a solução para a minha compreensão defeituosa, por isso inspira como um tenor envelhecido e prossegue numa voz trovejante.

- O meu pai queria que eu me tornasse rapidamente *sistemato*, que organizasse a minha vida, arranjasse um emprego, encontrasse um caminho seguro e o seguisse fielmente. Muito cedo, aprendi a desejar o mesmo que ele. E, com o tempo, fui acumulando camadas e camadas de vendas quase opacas que me ocultavam os olhos, que me ocultavam os sonhos.

- Espera - peço eu, folheando o dicionário, tentando encontrar *cerotti*, vendas. - O que aconteceu aos teus olhos? Porque estavam vendados? - quero saber.

- *Non letteralmente*. Não literalmente - ruge ele. Está impaciente. Sou uma pateta que, apesar de viver com um italiano há doze horas, ainda não consegue seguir o curso das suas metáforas galopantes. Acrescenta uma terceira dimensão para fazer passar a sua história. Põe-se de pé. Puxando as meias até aos joelhos enrugados, comendo o roupão, agora está a enrolar um pano de cozinha à volta dos olhos, espreitando por cima da extremidade. O estranho conjugou velocidade e volume com teatralidade. Deve chegar, com certeza. E continua: